

O efeito da proeminência de raízes na resolução de hiatos do português: por que podemos falar *fre(i)ar*, mas não *pass(e)i(ar)*?

Lucas Pereira Eberle*

Resumo

Os verbos terminados em *-ear*, no português brasileiro (PB), possuem hiatos no *input* como resultado do encontro entre a vogal na raiz/radical (V1) e a vogal na desinência verbal (V2). Esses verbos contêm uma assimetria quando a conjugação resulta na V1 [e] átona, pois, enquanto a maioria dos verbos prefere manter a forma fiel ao *input* ou altear a vogal para [i] (*pass*ear – *pass*[i]ar), um pequeno grupo de verbos bloqueia o alteamento e prefere a epêntese de [j] (*fre*[j]ar). Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é defender que a aceitação de hiatos no PB é sensível a fatores morfofonológicos. A pesquisa foi experimental e feita através de um teste de julgamento de aceitabilidade. Os resultados mostraram que essa assimetria ocorre devido ao status morfológico da V1, isto é, que a epêntese é possível quando a V1 é parte da raiz (*fre+ar*), mas quando ela é um afixo, apenas o alteamento pode ocorrer (*pass+e+ar*). Por fim, conclui-se que a epêntese ocorre por demanda de proeminência na raiz, e o bloqueio do alteamento por demanda de fidelidade com a raiz e que não é possível analisar a resolução de hiatos em verbos do PB sem considerar o caráter morfofonológico.

Palavras-chave: morfofonologia; assimetria posicional; conjugação verbal; proeminência de raízes; variação

Abstract

Verbs ending in *-ear*, in Brazilian Portuguese (BP), have hiatus in the input as a result of the joining of a vowel in the root/stem (V1) to an inflectional vowel (V2). These verbs contain an asymmetry when the conjugation results in an unstressed V1 [e] because, while most verbs prefer to maintain faithful to the input or raise the vowel to [i] (*pass*ear – *pass*[i]ar, ‘to walk’), a small group of verbs blocks heightening and prefers the epenthesis of [j] (*fre*[j]ar, ‘to break’). Thus, the objective of this work is to defend that the acceptance of hiatus in BP is sensitive to morphophonological factors. The research was experimental and an acceptability judgment test was carried out. The results showed that this asymmetry occurs due to the morphological status of V1, that is, epenthesis is possible when V1 is part of the root (*fre+ar*), but when it is an affix, only heightening can occur (*pass+e+ar*). It is concluded that epenthesis occurs due to a demand for prominence in the root, and blocking of heightening due

*Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. E-mail: eberle.lp@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4275-7848. O presente trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP 2021/12853-4).

to root faithfulness, and that it is not possible to analyze the resolution of hiatus in BP verbs without considering their morphophonology.

Keywords: morphophonology; positional asymmetry; verb conjugation; root prominence; variation

1 Introdução

Hiatos são bastante frequentes no português brasileiro e, geralmente, não representam nenhum problema fonológico para a língua. Entretanto, determinados hiatos são evitados através da epêntese de um glide intervocálico, como é o caso dos hiatos formados pela vogal [e] seguida de outra vogal. Tal fenômeno ocorre desde o século XVI na língua, período em que as palavras *cheo* e *alheo*, por exemplo, passaram a ser pronunciadas como *cheio* e *alheio* (TEYSSIER, 1982, entre outros).

A epêntese do glide [j], marcada ortograficamente por “i”, também se estendeu aos verbos da língua que, em sua forma subjacente (*input*), são formados pelo encontro de uma primeira vogal (V1) [e], que é, em geral, parte da raiz/radical, e uma segunda vogal (V2), que pode ser vogal temática ou parte da flexão verbal, por exemplo, os verbos da terminação *-ear*, como *passear*, *mapear*, *frear*, *guerrear*, *cear*, entre outros.

Nesses verbos, a epêntese de [j] é obrigatória em determinadas conjugações, como na primeira pessoa do singular do presente do indicativo: (eu) *passeio*, (eu) *freio*, (eu) *mapeio*. Contudo, em outras conjugações, a epêntese pode ser agramatical ou opcional; por exemplo, *passeiar* é uma pronúncia agramatical do verbo *passear*, mas *freiar* é uma das pronúncias possíveis do verbo *frear*. Este trabalho tem como objetivo discutir a assimetria na ocorrência, ou não, da epêntese na terminação verbal *-ear*.

Na seção seguinte, são apresentadas uma discussão dessa assimetria e uma revisão da bibliografia sobre o tema. Na seção 3, são apresentados os materiais, métodos e resultados da dissertação de mestrado de Eberle (2022), que serviram de base para uma nova análise do fenômeno a partir de uma proposta morfofonológica, que é apresentada na seção 4. Por fim, na seção 5, são apresentadas as conclusões.

2 A terminação verbal *-ear*

De acordo com Eberle (2022), em determinados contextos fonológicos, os hiatos da terminação *-ear* são evitados nas formas de superfície (*output*). Como pode ser visto no Quadro 1, a forma fiel ao hiato é gramatical quando a V1 [e] ocupa uma sílaba pretônica (átona), como em (a) e (b). Ao mesmo tempo, a V1 pode sofrer alteamento de [e] para [i] na grande maioria dos verbos, devido a um fenômeno comum ao PB: o alteamento de vogais pretônicas (BISOL, 1981, entre outros). Entretanto, isso não ocorre com verbos como *frear*, que nunca é pronunciado como [fri'ar], forma considerada agramatical.

Quadro 1 — Verbos da terminação *-ear* (formas agramaticais estão marcadas por “*”)

Ortografia	Input	Outputs		
		V1 fiel ¹	Epêntese de [j]	Alteamento da V1
a. passear	/paseaR/	[pase'ar]	*[pasej'ar]	[pasi'ar]
b. frear	/freaR/	[fre'ar]	[fej'ar]	*[fri'ar]
c. eu passeio	/paseo/	*[pa'seʊ]	[pa'sejʊ]	*[pa'siʊ]
d. eu freio	/freo/	*['freʊ]	['fejʊ]	*['friʊ]

Fonte: elaborado pelo autor.

O verbo *frear*, assim como os verbos *cear* e *estrear*, fogem à regra do alteamento. Desse modo, em vez de sofrerem alteamento da V1, podem passar por um processo de epêntese do glide palatal [j] entre a V1 e a V2, que resulta na dissolução do hiato, fenômeno também denominado, na literatura, de *resolução de hiatos* (CASALI, 2011).

De modo semelhante, quando a V1 [e] está em sílabas acentuadas, como nos casos (c) e (d) (Quadro 1), tanto a forma fiel ao *input* quanto a forma com alteamento são agramaticais. Nesses casos, o hiato também é resolvido, isto é, desfeito, através da epêntese do glide [j]. A diferença está no fato de que, em posições acentuadas, a epêntese é categórica no PB, enquanto em posições átonas, é variável para um pequeno grupo de verbos e agramatical para todos os outros.

Rodrigues (2007) argumenta em seu trabalho, desenvolvido de acordo com a Teoria da Otimidade Clássica (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), que a resolução dos hiatos da terminação verbal *-ear* através da epêntese de [j] é motivada pela promoção da restrição de marcação ONSET (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), segundo a qual todas as sílabas devem ter ataque, em detrimento de outras restrições de fidelidade, característica da língua adquirida durante a evolução do português. Além disso, Rodrigues (2007) também aponta que a epêntese seria sistemática em formas rizotônicas (isto é, quando o acento recai sobre a raiz), e que verbos como *frear* e *cear* possuiriam um glide epentético já no *input*, pois são os verbos em que o glide aparece também em formas arrizotônicas (Quadro 1, (b)).

A seguir, no Quadro 2 é apresentado o *tableau* desenvolvido pela autora. De acordo com a análise, os candidatos (a), (b) e (d) seriam eliminados primeiramente, pois possuem sílabas sem ataque e, portanto, violam a restrição mais alta da hierarquia (ONSET). Em sequência, o empate entre os candidatos (c) e (e) é desfeito com a restrição HARMONY (elementos da rima devem apresentar o mesmo traço), pois (c) a viola ao ter uma vogal [+anterior], [e], e um glide [-anterior], [w], portanto, o candidato vencedor seria apenas (e).

¹“V1 fiel” refere-se ao traço de altura [-alto, -baixo] da vogal [e] que se mantém igual ao da vogal no *input*, portanto, fiel.

Quadro 2 — Análise do verbo *cear*²

/se.'ja.mos/	ONSET	DEP IO	WTS	OCP	HARMONY
a. [se.'a]mos	*!		*		
b. ['sej.'a]mos	*!	*	*		
c. [sew.'wa]mos		*	*	*	*!
d. [sew.'a]mos	*!	*			
e. [sej.'ja]mos [☞]		*	*	*	

Fonte: Rodrigues (2007, p. 23).

Todavia, a análise de Rodrigues (2007) desconsidera o fato de que o PB aceita hiatos em certos contextos. Diante disso, a restrição ONSET não pode ser tão alta na hierarquia, pois se assim fosse, não existiriam hiatos no PB. Com isso, por exemplo, o candidato (a), no *tableau* desenvolvido pela autora (Quadro 2), nunca seria uma forma ótima, o que não é correto, pois a forma fiel é possível quando a V1 está em posição átona.

Ademais, embora seja fonologicamente semelhante, a vogal [e] nos verbos de terminação *-ear* não tem o mesmo caráter morfológico em todos os verbos. Na grande maioria, a vogal [e] é a realização fonológica de um morfema verbalizador (LEMLE, 2002; OLIVEIRA, 2009; BASSANI, 2013; RESENDE, 2020), como mostrado a seguir:

- (1) passear — *pass* + *e* + *ar*
 mapear — *map* + *e* + *ar*
 guerrear — *guerr* + *e* + *ar*

Por outro lado, em alguns verbos, como *frear*, *cear* e *estrear*, esse mesmo expoente fonológico do morfema verbalizador não é encontrado e a vogal [e], na realidade, faz parte da raiz, por exemplo, *fre* + *ar*, *ce* + *ar* e *estre* + *ar*. Uma evidência para considerar a vogal [e] desses verbos como raiz é que a vogal está presente nas formas nominais, com epêntese, por ser V1 [e] acentuada, como em *freio*, *ceia* e *estrela*, diferentemente dos demais verbos, em que não há [e] na raiz, como mostrado em (1).

Tendo isso em vista, o objetivo deste texto é dialogar com a proposta de Rodrigues (2007) e defender, a partir dos resultados apresentados por Eberle (2022), que a aceitação, ou evitação, de hiatos no PB é sensível a fatores morfofonológicos, como a posição acentuada e o *status* morfológico da V1. Além disso, propõe-se a existência de dois subgrupos distintos de verbos da terminação *-ear*, que possuem aspectos fonológicos e morfológicos característicos. Para isso, este trabalho se debruçará sobre a assimetria encontrada nas posições átonas, em que alguns verbos aceitam a epêntese e rejeitam o alteamento, enquanto outros rejeitam a epêntese e aceitam o alteamento.

²Descrição das demais restrições por Rodrigues (2007, p.11-12): DEP (todo elemento do output deve apresentar um correspondente no input; não pode haver inserção do *input* para o *output*); WTS (peso ao acento: toda sílaba acentuada deve ser pesada) e OCP (não podem existir elementos idênticos adjacentes).

3 Materiais e métodos

Para defender a existência de uma sensibilidade a fatores morfofonológicos na terminação *-ear*, foram utilizados os resultados obtidos na dissertação de mestrado de Eberle (2022). A pesquisa do autor abordou, experimentalmente, três diferentes fenômenos envolvendo sequências vocálicas do PB, quais sejam: a monotongação de ditongos orais, a ditongação de sílabas finais terminadas em /s/, e a resolução de hiatos da terminação *-ear* e *-oar*. Dos três, este trabalho se utilizará apenas dos resultados obtidos na resolução de hiatos da terminação *-ear*.

Nas próximas subseções, serão descritos os materiais e métodos, assim como uma breve descrição dos resultados.

3.1 Participantes

Ao todo, foram recrutados 98 participantes, dos quais 62 fizeram parte da versão do experimento com palavras existentes do PB, e os outros 36, com logatomas, que são palavras inventadas respeitando a fonotática da língua. A diferença entre os experimentos será descrita na subseção seguinte.

O recrutamento dos participantes foi feito através das redes sociais. Os critérios de seleção eram que (i) todos deveriam ser falantes nativos de umas das variedades dialetais faladas no estado de São Paulo; (ii) ter idade igual ou acima de 18 anos; e (iii) ter ensino superior (completo ou incompleto).

Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de iniciar os experimentos.

3.2 Materiais

Para o experimento com palavras existentes, foram selecionadas 6 palavras contendo um dos três hiatos /ea/, /ee/, /eo/, variando em posição de V1 acentuada e não acentuada, e V1 em sílaba inicial ou medial. Para o experimento com logatomas, foram criadas 6 palavras, tomando como base palavras existentes no PB e seguindo as mesmas variáveis das palavras reais, conforme pode ser observado no Quadro 3:

Quadro 3 — Verbos da terminação *-ear*

	V1 em sílaba inicial			V1 em sílaba medial		
Existentes	frear	freei	ceou	basear	penteei	sorteou
Inventadas	vear	veei	beou	bojear	naleei	cafeou

Fonte: elaborado pelo autor.

Além das palavras-alvo, foram adicionadas palavras distratoras que tivessem três pronúncias distintas, com uma proporção duas vezes maior que as palavras-alvo, por exemplo, a pronúncia do plural de *pão* (*pãos, pães, pões*). Todos os itens foram gravados dentro de uma frase-veículo contextual, mas mantendo uma simetria sintática, isto é, sentenças de mesmo tamanho e com a palavra-alvo no centro da sentença. A gravação das frases foi feita por uma falante nativa de 21 anos da região de Campinas (SP) que foi instruída a ler cada palavra-alvo com três possibilidades de pronúncia: V1 fiel, epêntese de [j] e alteamento da V1, conforme o seguinte exemplo:

- (2) V1 fiel: “o motorista teve que *frear* o carro rapidamente”
 Epêntese de [j]: “o motorista teve que *frei*ar o carro rapidamente”
 Alteamento da V1: “o motorista teve que *fri*ar o carro rapidamente”

3.3 Procedimento

Os experimentos foram construídos em formato *online*, através da plataforma *Experigen* (BECKER; LEVINE, 2013), de forma que cada participante pôde acessá-lo remotamente. De posse do experimento, cada informante foi apresentado a três pronúncias da mesma palavra em uma mesma tela do experimento. Isto foi feito com uma série de palavras e o objetivo era avaliar cada uma das pronúncias como *natural* ou *não natural*. Os áudios com as pronúncias foram apresentados em ordem aleatória e distinta para cada participante e as palavras-alvo e distratoras estavam ocultadas na frase que aparecia escrita na tela, para que não houvesse influência da ortografia, como exemplificado em (3):

- (3) “o motorista teve que _____ o carro rapidamente”

3.4 Resultados e discussão

Os resultados são referentes à aceitação da epêntese, do alteamento e da forma fiel em palavras reais e inventadas (logatomas), isto é, referem-se às respostas obtidas como *natural* nos experimentos. Destaca-se que foram analisadas apenas as formas que possuíam V1 em posição átona.

Antes da descrição dos dados, é importante ressaltar que, por coincidência, os verbos existentes que possuem V1 em sílaba inicial são aqueles que possuem V1 na raiz, como é o caso de *frear* e *cear*³; enquanto a V1 em posição medial é sempre um afixo. Portanto, a distinção inicial vs. medial será tratada como raiz vs. afixo, respectivamente, para as palavras reais.

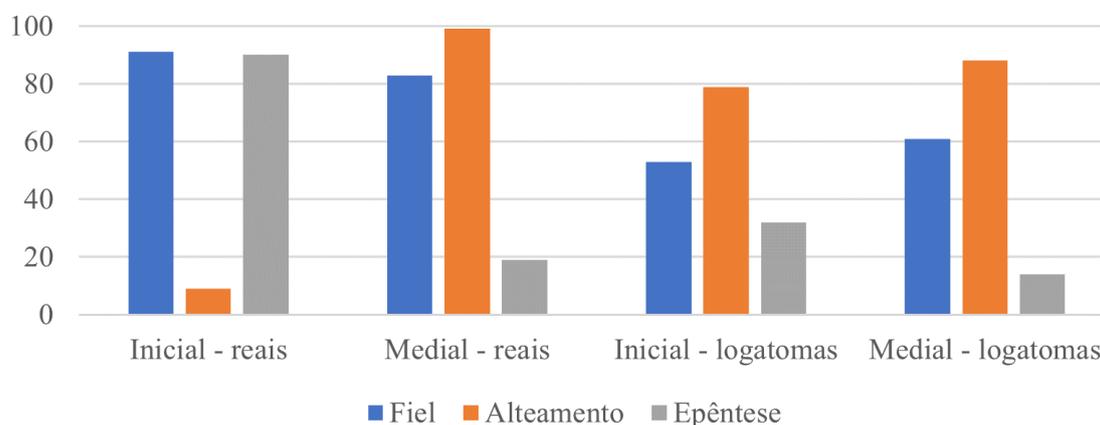
No gráfico mais abaixo (Figura 1), pode-se ver, nas palavras reais, como a aceitação da epêntese é maior quando a V1 é parte da raiz (posição átona inicial), sendo bastante rejeitada em posição átona medial. Contrariamente, o alteamento é bastante aceito em posição medial, e altamente rejeitado na raiz, conforme previsto. Além disso, ainda no gráfico, percebe-se que a forma fiel ao *input* sempre é bastante aceita, demonstrando que hiatos são aceitos no PB, e reforçando, portanto, que a restrição ONSET não pode ser forte na língua.

³O verbo *estrear* não foi analisado por Eberle (2022).

Por outro lado, em logatomas, o alteamento foi mais aceito em ambas as posições, inicial e medial, do que a epêntese (Figura 1), embora a aceitação da epêntese em posição inicial tenha sido relativamente maior que em posição medial.

Esse resultado se explica porque, em palavras inventadas, não é possível que os falantes tenham intuição sobre o *status* morfológico da vogal [e], de forma que a interpretam como morfema verbalizador, pois é a forma que ocorre na grande maioria dos verbos da terminação *-ear*⁴, i.e., a forma *default*, ou seja, a forma padrão da língua. Por isso, ocorre bastante rejeição da epêntese em sílabas iniciais de palavras inventadas, pois toda V1 [e] é interpretada como afixo. Dessa forma, o estudo com palavras inventadas permite uma análise menos enviesada dos fenômenos fonológicos, pois perde-se a influência da norma padrão, da escrita, da familiaridade, da frequência de ocorrência e da etimologia da palavra (NEVINS, 2016).

Figura 1 — Porcentagem de aceitação de cada variável



Fonte: elaborado pelo autor.

Assim, baseando-se nesses resultados, pode-se afirmar que os falantes têm a intuição de que *frear*, *cear* e *estrear* são verbos que possuem V1 [e] como parte da raiz.

4 Proposta morfofonológica

Baseando-se nos resultados descritos acima, argumenta-se que a diferença morfofonológica (raiz vs. afixo) é o ponto principal para entender os diferentes comportamentos da vogal [e] em posições de V1 átona. Defende-se que diferentes características morfológicas ativarão diferentes restrições fonológicas, resultando em diferentes *outputs* ótimos. Isto é, o *input* será fonologicamente igual para todos os verbos da terminação *-ear*, e as diferentes formas de superfície serão resultado dos diferentes traços morfológicos presentes no input. Portanto, a proposta morfofonológica mostra-se mais econômica e

⁴Os casos de [e] como parte da raiz são a exceção e são atestados apenas nos verbos *frear*, *cear*, *estrear*, *mear*, *enfear* (e seus derivados).

generalista do que assumir que apenas alguns verbos específicos da língua, por alguma razão desconhecida, possuem o glide desde o *input*, como propõe Rodrigues (2007).

Outra diferença em relação à proposta de Rodrigues (2007) é em relação à motivação da epêntese. Como discutido anteriormente, hiatos são aceitos no PB, embora alguns passem por resoluções nos poucos contextos em que são proibidos, por exemplo, em posição de V1 [e] acentuada. Em geral, isso acontece quando o acento recai sobre a V2 e os hiatos se mantêm ou podem ser transformados em ditongos crescentes [passear] – [passiar] – [passjar]. A obrigatoriedade da resolução ocorre apenas em posições de V1 acentuada, com exceção da vogal [a], que sempre ou se mantêm (c[a]ótico) ou a V2 é transformada em glide, formando um ditongo (caos – ca[w]s).

Como apresentado anteriormente, especificamente, nos verbos da terminação *-ear*, o hiato é evitado sempre que a V1 é acentuada, ocorrendo a epêntese como resolução. Nos verbos de mesma terminação, quando a V1 está em posição átona, se a vogal é parte da raiz, a epêntese tende a ocorrer; mas se for um morfema verbalizador, a epêntese é fortemente evitada.

Diante disso, em conformidade com os trabalhos de Beckman (1998) e Smith (2005), argumenta-se que a resolução de hiatos seja uma consequência de restrições universais que incidem sobre sílabas fortes, como as sílabas acentuadas e/ou iniciais e raízes. Essas posições, também denominadas de privilegiadas, são as mais proeminentes nas línguas, podendo desencadear ou resistir a fenômenos fonológicos, e devem, preferencialmente, carregar material segmental também proeminente. Segundo Smith (2005), a proeminência pode ser entendida como sonoridade, isto é, quanto mais sonora uma sílaba for, mais proeminente ela é.

Assim, com base nos hiatos permitidos no PB, defende-se que a única vogal capaz de satisfazer a posição de V1 acentuada é a vogal [a], que é a vogal com maior sonoridade (PARKER, 2002 e PARKER, 2011). Enquanto as demais [e ε i o ɔ u] tendem a passar por processos de aumento de proeminência (SMITH, 2005). Com isso, a vogal [e], por ter sonoridade insuficiente para ocupar uma posição de V1 acentuada, ao ocorrer a epêntese de [j], a sílaba que antes sofria de carência de proeminência passa a satisfazer as demandas de sonoridade, tornando-se uma sílaba boa. Embora menos comuns, as vogais [i], [u] e [o] também têm sofrido desses fenômenos, como são os casos delas nos verbos *odiar* (odeio), *ansiar* (anseio), *suar* (suo ~ so[w]o), *boa* (bo[w]a) e *voar* (vo[w]a).⁵

Em suma, a vogal [e] de verbos como *passear*, *mapear* e *guerrear* sofre do aumento de proeminência quando está em posição de V1 acentuada. De outra forma, quando átona, em geral, a mesma vogal passa pelo alteamento da V1 [e] para [i], que reduz a proeminência, o que é preferível em sílabas átonas.

Porém, a vogal [e], em verbos como *frear*, *cear* e *estrear*, sofre de processos de aumento de proeminência, tanto em sílabas acentuadas quanto em sílabas que são parte da raiz. Portanto, é possível a epêntese mesmo em posições átonas, pois ainda existe a demanda por aumento de proeminência da raiz (embora não categórica nesse caso). Além disso, nesses verbos o alteamento é bloqueado, por isso, acredita-se que exista também uma força de fidelidade com a raiz que impede essa mudança.

⁵[ε ɔ] em geral não aparecem como V1 de hiato, mas como vogal nuclear de ditongo.

5 Conclusão

Neste texto, foi apresentada a assimetria das conjugações verbais da terminação *-ear* no PB, especialmente quando a conjugação resulta em uma V1 em posição átona. Enquanto a grande maioria dos verbos prefere manter a forma fiel ou altear a vogal [e] para [i], um pequeno grupo de verbos bloqueia o alteamento e prefere a epêntese de [j].

Argumentou-se que essa distinção ocorre devido ao *status* morfológico da V1 [e], da seguinte forma: quando ela é parte da raiz, a epêntese é possível, mas quando ela é um morfema verbalizador, apenas o alteamento pode ocorrer. Além disso, defendeu-se que a epêntese ocorre por demanda de proeminência de posições fortes (raiz) e o bloqueio do alteamento por demanda de fidelidade com a raiz. Portanto, a terminação *-ear* não é totalmente regular e possui dois subgrupos de verbos:

- (4) Grupo 1: V1 afixo — *passear, mapear, guerrear, bloquear, bombear, golear* etc.
Grupo 2: V1 raiz — *frear, cear* e *estrear*.

Conclui-se, por fim, que não é possível analisar a resolução de hiatos em verbos do PB sem considerar o carácter morfológico e que raízes são uma unidade importante na fonologia do PB. Tais pontos podem guiar o entendimento de outras variações encontradas na língua, como a terminação *-iar* que, em determinados verbos, ocorre em assimilação com a terminação *-ear*, como no verbo *odiar*, que se conjuga *odeio* mas nunca **odío*, diferentemente dos verbos regulares com a mesma terminação, como *fatiar*, com a conjugação *fatio*, mas nunca **fateio*.

Referências

- BASSANI, I. S. *Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BECKER, M.; LEVINE, J. *Experigen: an online experiment platform*. 2013. Disponível em: <becker.phonologist.org/experigen/>. Acesso em: 24 ago 2023.
- BECKMAN, J. N. *Positional faithfulness*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística. University Massachusetts Amherst, Amherst, 1998.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1981.
- CASALI, R. F. Hiatus resolution. In: OOSTENDORP, M.; EWEN, C.; HUME, E.; RICE, K. (ed.). *The Blackwell companion to phonology*, [s. l.]: Blackwell Publishing, 2011. p. 1-27.
- EBERLE, L. P. *Monotongação, ditongação e resolução de hiatos: um estudo com palavras reais e logatomas no português falado em São Paulo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.
- LEMLE, M. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *Revista Letras*, n. 58, p. 279-324, jul./dez. 2002.

NEVINS, A. A utilidade de logatomas e línguas inventadas na fonologia experimental. *Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem*, v. 2, n. 1, p. 67-78, 2016.

OLIVEIRA, S. M. *Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PARKER, S. G. *Quantifying the sonority hierarchy*. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Linguística, University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2002.

PARKER, S. Sonority. *Suprasegmental and Prosodic Phonology*, [s. l.], v.3, p. 1160-1184, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781444335262.wbctp0049>>. Acesso em: 24 ago 2023.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality theory: constraint interaction in generative grammar. *Technical Report TR-2*, [s. l.], Rutgers Center for Cognitive Science, Rutgers University, 1993.

RESENDE, M. *A morfologia distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2020.

RODRIGUES, M. C. O hiato no português: a tese da conspiração. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 7-26, 2007.

SMITH, J. L. *Phonological augmentation in prominent positions*. New York: Routledge, 2005.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Tradução: Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

Squib recebido em 30 de agosto de 2023.

Squib aceito em 21 de março de 2024.